



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA  
NA CLÍNICA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

ATRAVESSAMENTOS DA CULTURA E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE:  
MODERNIDADE X PÓS- MODERNIDADE

Elaine Cristina M. da Silveira

Porto Alegre, 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA  
NA CLÍNICA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

ATRAVESSAMENTOS DA CULTURA E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE:  
MODERNIDADE X PÓS-MODERNIDADE

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão de curso de especialização em intervenção psicanalítica na clínica da infância e da adolescência, sob orientação do profº Dr. Amadeu De Oliveira Weinmann.

Elaine Cristina M. da Silveira

Porto Alegre, 2017

*Quem me dera ao menos uma vez  
Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem  
Conseguiu me convencer que era prova de amizade  
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha*

*Quem me dera ao menos uma vez,  
Esquecer que acreditei que era por brincadeira  
Que se cortava sempre um pano de chão  
De linho nobre e pura seda*

*Quem me dera ao menos uma vez,  
Explicar o que ninguém consegue entender  
Que o que aconteceu ainda está por vir  
E o futuro não é mais como era antigamente*

*Quem me dera ao menos uma vez,  
Provar que quem tem mais do que precisa ter  
Quase sempre se convence que não tem o bastante  
Fala demais por não ter nada a dizer*

*Quem me dera ao menos uma vez,  
Que o mais simples fosse visto como o mais  
importante  
Mas nos deram espelhos  
E vimos um mundo doente*

*Quem me dera ao menos uma vez,  
Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três  
E esse mesmo Deus foi morto por vocês  
Sua maldade, então, deixaram Deus tão triste*

*Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda  
Assim pude trazer você de volta pra mim  
Quando descobri que é sempre só você*

*Que me entende do início ao fim  
E é só você que tem a  
Cura pro meu vício de insistir  
Nessa saudade que eu sinto  
De tudo que eu ainda não vi*

*Quem me dera ao menos uma vez  
Acreditar por um instante em tudo que existe  
E acreditar que o mundo é perfeito  
E que todas as pessoas são felizes*

*Quem me dera ao menos uma vez  
Fazer com que o mundo saiba que seu nome  
Está em tudo e mesmo assim  
Ninguém lhe diz ao menos obrigado*

*Quem me dera ao menos uma vez  
Como a mais bela tribo  
Dos mais belos índios  
Não ser atacado por ser inocente*

*Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda  
Assim pude trazer você de volta pra mim  
Quando descobri que é sempre só você  
Que me entende do início ao fim*

*E é só você que tem a  
Cura pro meu vício de insistir  
Nessa saudade que eu sinto  
De tudo que eu ainda não vi*

*Nos deram espelhos e vimos um mundo doente  
Tentei chorar e não consegui.  
(Índios - Legião Urbana)*

## RESUMO

O presente trabalho visa proporcionar uma leitura reflexiva acerca dos atravessamentos da cultura no processo de formação da subjetividade. Seguindo nesta linha de pensamento, surge o seguinte questionamento: O que a psicanálise nos diz dos processos de subjetivação frente as implicações dos organizadores da cultura? Por meio de revisão bibliográfica, busca-se atingir tal objetivo. Para tanto, em um primeiro momento abordamos algumas obras de Freud e, posteriormente, obras de Debord, Lasch e Birman. Perante as mudanças ocorridas na organização da cultura e as implicações destas na constituição do sujeito, pode-se dizer que é imprescindível que se busque independizar-se de um discurso pré-estabelecido, ou seja, buscar meios de enfrentamento que possibilite desvencilhar-se daquilo a que se está propenso a alienar-se.

**Palavras-chave:** subjetividade; cultura; psicanálise.

## ABSTRACT

The present work aims at providing a reflexive reading about the crossings of culture in the process of the formation of subjectivity. Following this line of thought, the following question arises: What does psychoanalysis tell us about the processes of subjectivation in the face of the implications of the organizers of culture? Through a bibliographical review, this objective is sought. To do so, we first discuss some works by Freud and later by Debord, Lasch and Birman. Given the changes in the organization of culture and the implications of these in the constitution of the subject, it can be said that it is essential to seek independence from a pre-established discourse, that is, to seek means of coping that make it possible to get rid of that to which one is prone to alienate oneself.

**Keywords:** subjectivity; culture; psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 SUBJETIVIDADE E CULTURA EM FREUD .....</b>	<b>7</b>
<b>2.1 Totem e Tabu - Freud (1913).....</b>	<b>7</b>
<b>2.2 O futuro de uma ilusão - Freud (1927).....</b>	<b>16</b>
<b>2.3 O mal-estar na cultura - Freud (1930).....</b>	<b>17</b>
<b>3 SUBJETIVIDADE E SUAS NOVAS FORMAS NA ERA PÓS-MODERNA .....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 A sociedade do espetáculo - Debord (1967).....</b>	<b>20</b>
<b>3.2 A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio - Lasch (1979).....</b>	<b>23</b>
<b>3.3 Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação – Birman (1999).....</b>	<b>26</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Novas formas de subjetivação vão surgindo com as mudanças implicadas pela cultura e, devido a estas, considera-se relevante refletir como o sujeito se insere na organização da cultura, uma vez que os atravessamentos culturais se inscrevem sob novos valores e novas formas de configuração social se apresentam como decorrência destes. O que nos diz a psicanálise acerca dos processos de subjetivação frente as implicações dos organizadores da cultura? Visando fundamentar tal questionamento, optou-se por apresentar um histórico caracterizando a subjetividade na transição da sociedade moderna para a atualidade e a constituição do sujeito inserido neste contexto.

Por meio de revisão bibliográfica, o tema vem a ser dividido em dois tempos: o primeiro sobre o mal-estar na modernidade e o segundo sobre o mal-estar na pós-modernidade.

Observamos uma transformação relevante na problemática do sujeito, a economia deste se remodela e os investimentos anteriores, em certas posições psíquicas, se transformam e, com isso, deslocamentos se processam e um rápido aumento da psicopatologia biológica e farmacológica nos últimos anos vem a ser a consequência disso.

A experiência do sofrimento psíquico e do desamparo do sujeito foram recusados e um apego a religião, drogas lícitas e ilícitas surgem como tentativa de tamponamento.

A subjetividade tende a ganhar contornos espaciais, definindo-se por superfícies de contato e superposição, percorrendo o caminho de uma sociedade mais restritiva para uma sociedade menos restritiva. Na modernidade, a cultura organizava-se por meio dos interditos religiosos, uma vez que estes venham a falhar, surge o sentimento de desamparo e vulnerabilidade, o que contribui para que o sujeito procure meios que mascarem a realidade e produzam sensação de alívio frente ao mal-estar desencadeado. Na pós-modernidade, a mídia vem com força como promessa de incitação ao gozo.

## 2 SUBJETIVIDADE E CULTURA EM FREUD

Neste capítulo, apresentaremos o mal-estar na perspectiva Freudiana. A partir de algumas obras de Freud, lançaremos um olhar reflexivo referente à constituição de sujeito, pensando este sujeito como pertencente à cultura e seus organizadores.

### 2.1 Totem e Tabu – Freud (1913)

Em *Totem e tabu*, Freud nos traz assinalamentos significativos acerca da antropologia cultural. Neste texto, o pai da psicanálise pontua sua hipótese da horda primeva e da morte do pai primevo, elaborando sua teoria por meio da reconstituição das origens de algumas das instituições culturais e sociais posteriores. A obra é composta por quatro ensaios: 1- o horror ao incesto, 2- tabu e a ambivalência emocional, 3- animismo, magia e onipotência do pensamento e 4- o retorno do totemismo na infância.

1- O horror ao incesto: neste ensaio, o ponto de vista psicanalítico possibilita uma nova compreensão dos fatos da psicologia dos povos, uma vez que o horror ao incesto entre os selvagens há muito foi percebido como tal e não requer maior interpretação. Porém, contribui acrescentar que ele constitui um traço peculiarmente infantil e uma notável concordância com a vida psíquica dos neuróticos. A psicanálise ensinou que a primeira escolha sexual do menino é incestuosa, isto é, ela reporta-se aos objetos proibidos, à mãe, e também nos possibilitou conhecer as vias pelas quais ele se liberta, ao crescer, da atração do incesto. Já o neurótico representa para nós um quê de infantilismo psíquico, ele não conseguiu libertar-se das condições infantis da psicosexualidade ou reverteu a elas (inibição no desenvolvimento e regressão). Em sua vida psíquica inconsciente, as fixações infantis incestuosas da libido têm ainda papel determinante, levando a ver a relação com os pais, dominada por anseios incestuosos, como o complexo nuclear da neurose. O descobrimento dessa importância do incesto para a neurose depara naturalmente com a descrença geral das pessoas adultas. Freud (1913/2012) aponta que os povos selvagens ainda veem como ameaçadores, e merecedores de rigorosas medidas de defesa, os desejos incestuosos humanos fadados a se tornarem inconscientes.



2- O tabu e a ambivalência dos sentimentos: aqui Freud, primeiramente, coloca o significado de tabu como o horror sagrado, ligado à ideia de algo reservado que revela-se em proibições e restrições, restrições estas distintas das proibições religiosas ou morais, que não procedem do mandamento de um Deus e valem por si mesmas; distingue-as das proibições morais o fato de não se incluírem num sistema que dá por necessárias as privações de forma gerais e fundamenta esta necessidade.

Este ensaio aborda também os objetos de tabu e assinala ainda que um tabu violado vinga a si mesmo, ou seja, a violação de um tabu torna tabu o próprio infrator. E surge o seguinte questionamento: mas por que devemos voltar nosso interesse para o enigma do tabu? E, como resposta: não apenas porque todo problema psicológico é digno de tentativa de solução, mas também por outros motivos, talvez o tabu dos selvagens polinésios não se dê tão longe de nós como pensávamos (que as proibições morais e tradicionais a que obedecemos poderiam ser aparentados ao tabu primitivo), mas sim que o esclarecimento do tabu lançaria luz sobre a obscura origem de nosso próprio imperativo categórico.

E se entendermos por tabu toda proibição estabelecida nos usos e costumes ou em leis formuladas de tocar um objeto, reivindicá-lo para uso próprio ou utilizar certas palavras proibidas, então não existe povo e estágio de cultura que tenha escapado aos danos do tabu, pois, pouco a pouco, este torna-se a coerção do costume e da tradição e, enfim, da lei, mas o mandamento implícito vindo das proibições deste e que variam conforme o tempo e o lugar é um: “guarda-te da ira dos demônios.” (Freud, 1913/2012). E ao que nos diz a psicologia, o medo e os demônios não podem ser considerados irrelevantes, pois tanto a ideia de demônio como de Deus são criações das forças psíquicas humanas e criadas por algo a partir de algo. Pela perspectiva da psicanálise, é possível pensar através dos que criam para si proibições de tabu e que as seguem de forma tão rigorosa como os selvagens obedecem as que são comuns à sua tribo ou sociedade; se não fossem nomeados de “doentes obsessivos”, seria apropriado o nome de “doença do tabu” para tal estado. Mas, devido à etiologia clínica e o essencial do mecanismo psíquico, não se pode utilizar essa associação no esclarecimento do fenômeno etnopsicológico correspondente. Os aspectos do tabu que se assemelham com o transtorno obsessivo valem para as formas em que se manifestam, mas não a sua essência. A semelhança das proibições obsessivas com o tabu diz respeito às restrições de motivação e em ser enigmáticas em sua origem. Portanto, como no tabu, a interdição principal e núcleo da neurose é a de contato, daí o nome “medo do toque” (*délire de toucher*). Tal proibição se estende não só ao contato direto com o corpo, mas tudo que venha a dirigir os pensamentos

para a coisa proibida é proibido tanto quanto o contato físico direto e a mesma abrangência é vista no tabu.

A consequência da proibição é a de reprimir o instinto – o desejo de tocar – e bani-lo para o inconsciente. Proibição e instinto são mantidos; o instinto por ter sido apenas reprimido e não abolido e a proibição, se viesse a cessar, permitiria que o instinto chegasse à consciência e alcançasse a realização e, assim, estaria criada uma situação não resolvida, uma fixação psíquica e, do persistente conflito entre proibição e instinto, derivaria tudo o mais.

Para Freud, a principal característica da constelação psicológica seria a atitude ambivalente do sujeito quanto a um objeto, ou melhor, quanto à ação sobre ele; este sujeito deseja realizar tal ação – o toque –, vendo nela o máximo deleite, mas não pode realizá-la e também a abomina. A proibição torna-se consciente, porém, o desejo contínuo de tocar é inconsciente e, se não houvesse esse fator psicológico, uma ambivalência não poderia manter-se tão longamente e nem levar a tais consequências.

A variedade das manifestações do tabu que levou às tentativas de classificação já mencionadas reduz-se a uma unidade: o fundamento do tabu é uma ação proibida, para a qual há um forte pendor no inconsciente. Sabemos também que quem faz o proibido, quem viola o tabu, torna-se ele mesmo tabu, mas como harmonizar esse fato com o de o tabu se ligar não apenas à pessoas que fizeram algo proibido, mas também as que se acham em estados especiais, a esses estados mesmos e a coisas impessoais? Que perigosa característica pode ser esta, que é sempre a mesma em todas essas diferentes condições? Apenas uma: a de ativar a ambivalência do ser humano e levá-lo à tentação de infringir o tabu.

O sujeito que viola um tabu torna-se ele mesmo tabu, porque tem o perigoso atributo de tentar outros a seguir seu exemplo, provocando inveja; por que lhe deveria ser permitido o que a outros é proibido? Ele é, portanto, contagioso, na medida em que todo exemplo convida à imitação e, por isso, tem de ser evitado. Mas uma pessoa pode não ter violado um tabu e, no entanto, ser tabu de forma duradoura ou transitória, por encontrar-se num estado que tem o atributo de estimular os desejos proibidos dos outros, de neles despertar o conflito da ambivalência. A maioria das posições e estados excepcionais é desse tipo e tem essa perigosa força. O rei ou chefe provoca inveja de suas vantagens, os mortos, os recém-nascidos, as mulheres menstruadas ou em trabalho de parto exercem atração devido a seu particular desamparo. Por isso, todas essas pessoas e estados são tabu, pois não é permitido ceder à tentação. A violação de determinados tabus envolve um perigo social, que tem de ser observado por todos os membros da sociedade, a fim de não prejudicar a todos. Se substituirmos os desejos inconscientes pelos impulsos conscientes, tal perigo existe realmente,

consistindo na possibilidade da imitação, em virtude da qual a sociedade logo se desagregaria e, caso deixasse impune a violação, os outros se dariam conta de querer agir da mesma forma que o transgressor.

Após os assinalamentos feitos anteriormente, pode-se caracterizar o tabu como sendo o horror sagrado; a proibição imposta do exterior (por uma autoridade) e voltada contra os mais fortes desejos do ser humano. A vontade de transgredi-lo continua a existir no inconsciente, porém, aqueles que obedecem ao tabu têm uma postura ambivalente quanto ao alvo do mesmo. A força mágica a ele atribuída remonta à capacidade de induzir em tentação, ela age como um contágio, porque o exemplo é contagioso e porque o desejo proibido desloca-se para outra coisa no inconsciente. Expiar a violação do tabu com uma renúncia mostra que, na base da obediência ao tabu, se encontra também uma renúncia.

Freud ainda nos mostra que devemos conceder aos impulsos psíquicos dos homens primitivos um maior grau de ambivalência do que o encontrado no homem civilizado de hoje. Uma vez que essa ambivalência decaia, desaparece lentamente o tabu, o sintoma de compromisso do conflito de ambivalência. Este ensaio traz ainda o tabu caracterizado como horror sagrado, uma palavra ambivalente em si onde as proibições são vistas como produto de uma ambivalência emocional. Porém, a palavra “tabu” teve outro destino e a importância da ambivalência, por ela designada, veio a ser diminuída, ocorrendo, assim, uma transformação histórica, onde o termo ligava-se inicialmente a relações humanas bem definidas, caracterizadas pela grande ambivalência emocional e que veio a estender-se a outras relações equivalentes.

Até então, Freud estava guiando esses conceitos pela consideração psicanalítica dos fenômenos do tabu e pelas concordâncias demonstradas com a neurose obsessiva, mas, para finalizar este ensaio, mostra que o tabu não é uma neurose e sim uma instituição social, daí a importância de se pensar sobre a diferença de princípio entre a neurose e uma criação cultural como o tabu e, para tal, Freud distingue-os no fato de os primitivos temerem que a violação do tabu acarrete em punição para si, enfermidade ou morte, por exemplo, já o neurótico teme que o castigo seja designado a outra pessoa, que em análise se reconhece como uma das mais próximas e amadas por ele, ou seja, o neurótico se conduz de modo altruísta e o primitivo de modo egoísta.

Também em suas manifestações, o tabu apresenta enorme semelhança com o medo de contato dos neuróticos obsessivos, mas nessa neurose a proibição é normalmente de contato sexual (e a psicanálise mostrou, de modo geral, que as forças instintuais desviadas e deslocadas na neurose têm origem sexual; já no tabu, o contato proibido não tem apenas

sentido sexual, mas sobretudo o significado mais geral de ataque, de apoderamento, de afirmação da própria pessoa). Essa comparação entre tabu e a neurose obsessiva permite imaginar qual a relação das diversas formas de neurose com as formações culturais e como o estudo da psicologia das neuroses é relevante para compreendermos a evolução cultural. Uma vez que também as neuroses mostram, por um lado, notáveis e profundas concordâncias com as grandes produções sociais, como a arte, a religião e a filosofia, e, por outro lado, aparecem como deformações delas.

3 – Animismo, magia e onipotência dos pensamentos: podemos pensar animismo como a doutrina das almas, no sentido mais amplo, a dos espíritos em geral; o animismo é um sistema de pensamentos e não só explica um fenômeno particular, mas permite compreender o mundo como unidade, a partir de um ponto. No curso dos tempos, a humanidade produziu três grandes visões de mundo: a animista (mitológica), a religiosa e a científica. A partir desses três estágios, pensa-se o animismo não como religião, mas abrange as premissas sobre as quais depois se constroem as religiões. Entendendo-se que o animismo é um sistema de pensamento, a primeira teoria completa do universo, leva a extrair algumas conclusões da abordagem psicanalítica de tal sistema, através das experiências do dia-a-dia. Freud enfatiza que sonhamos à noite e aprendemos a interpretar o sonho durante o dia, podendo este negar a sua natureza, parecer confuso e desconexo e, também, ao contrário, imitar a ordem das impressões de uma vivência, deduzir um acontecimento de outro e relacionar uma parte de seu conteúdo a outra.

4 – O retorno do totemismo na infância: o totemismo foi tratado como um sistema primitivo de religião e de sociedade, considerado enigmático e devendo ser a compreensão histórica e psicológica. Freud propôs a divisão das teorias do totemismo em três grupos, são eles: a) as teorias nominalistas, b) as teorias sociológicas e c) as teorias psicológicas. A) as teorias nominalistas ligadas à ideia de que os indivíduos necessitavam de um nome duradouro e que pudesse ser fixado por escrito, portanto, o totemismo não surge da necessidade religiosa, mas sim das necessidades cotidianas da humanidade. Nesse sentido, o núcleo do totemismo, a denominação, é consequência da primitiva técnica de escritura e a característica do totem a mesma dos signos de escrita facilmente representáveis; B) as teorias sociológicas trazem a ideia de que o totem é o representante da religião dos povos e assim ele vem a encarnar a comunidade que é o verdadeiro objeto da adoração e C) as teorias psicológicas consideram as fantasias maternas como raízes do totemismo.

Freud traz ainda o assinalamento feito por Wundt de que o totemismo dá-se diretamente na crença em almas ou animismo. A experiência da psicanálise mostra ser

insustentável a suposição de uma inata aversão ao incesto, ensinando que os primeiros impulsos sexuais dos jovens seres humanos são de caráter incestuoso e que os impulsos reprimidos têm, como forças condutoras de neuroses posteriores, um papel que não se pode exagerar. Portanto, a concepção do horror ao incesto como instinto inato deve ser abandonada. Pode-se ver duas concepções acerca do tema, uma que considera a existência da exogamia antes do totemismo e outra dizendo que ela seria consequência dele.

Neste ensaio, o totemismo é descrito como um sistema religioso e social, sendo que, no aspecto religioso, ele consiste em relações de respeito e proteção mútuas entre um homem e seu totem e, no aspecto social, ele organiza as relações dos membros do clã entre si e com os membros dos outros clãs, no sistema religioso, podemos ver que os membros de um clã assumem o nome do totem e normalmente acreditam que dele descendem. A consequência desse reconhecimento de filiação é não caçar, não matar e não comer o animal totêmico e, se ele vir a ser outra coisa que não um animal, privam-se de qualquer outra utilização do totem. Porém, as proibições de matar e de comer o totem não são os únicos tabus a ele cabíveis e, às vezes, é proibido tocá-lo e até mesmo olhar para ele. Em alguns casos ainda, o totem não pode ser mencionado pelo nome correto, a violação destes tabus que o protegem é automaticamente punida com doenças graves ou com a morte, já o aspecto social expressa-se num mandamento rigoroso e numa restrição enorme, onde os membros de um clã são irmãos e irmãs comprometidos a ajudar e a proteger uns aos outros.

De acordo com Freud, o tabu fundamental do sistema totêmico é a proibição de membros do mesmo clã casarem ou terem relações sexuais entre si; eis o misterioso efeito do totemismo: a exogamia. O primeiro ensaio iniciou por este e o que se pode ressaltar agora é que ele se origina do intensificado horror ao incesto dos primitivos, que poderia ser compreendido como garantia contra o incesto no casamento grupal e que se ocupa da prevenção do incesto na geração mais nova, apenas posteriormente se tornando obstáculo também para a geração mais velha. Freud coloca que o mais importante aspecto social dessa subdivisão totêmica da tribo consiste em que a ela se ligam determinadas normas, baseadas no costume. Sobre a relação dos grupos entre si e entre elas se encontram as que dizem respeito ao casamento, sendo que a subdivisão da tribo está relacionada a um importante fenômeno, que surge na época do totemismo: a exogamia, já citada acima.

Após estas colocações acerca de *Totem e tabu*, Freud arrisca dizer que a experiência psicanalítica aponta semelhança entre a relação das crianças com os animais e a dos primitivos; a criança não mostra ainda nenhum traço da arrogância que leva o homem adulto civilizado a desenhar uma fronteira nítida entre a sua natureza e a dos outros animais. Sem

hesitação, a criança vê o animal como seu igual, no franco reconhecimento de suas necessidades, sentindo-se mais próxima do animal do que da pessoa adulta, que provavelmente lhe parece um enigma. Na análise, quase sempre as fobias da infância se mostram como um deslocamento do medo a um dos pais para os animais e que o complexo de Édipo seria o complexo nuclear das neuroses. Freud faz ainda uma ponte para melhor exemplificar tal colocação, primeiramente, do caso do pequeno Hans com o totemismo ao dizer que o que se aprende de novo na análise deste caso é o fato de que pelas condições geradas pelo totemismo a criança desloca do pai para o animal uma parte de seus sentimentos e, posteriormente, no caso do pequeno Arpád, onde relata que os interesses totêmicos não surgem diretamente relacionados ao complexo de Édipo, mas com base no pressuposto narcísico deste, o medo da castração. Dois traços são relevantes pontos de contato com o totemismo: a completa identificação com o animal totêmico e a atitude emocional ambivalente em relação a ele. Em decorrências de tais observações surge, na fórmula do totemismo, o pai no lugar do animal totêmico; os primitivos já pensavam isso e associavam o totem como seu ancestral e pai primevo. A psicanálise acentua a importância de enfatizar esse ponto e a ele vincular a tentativa de explicação do totemismo.

Seguindo neste pensamento, temos a seguinte reflexão: se o animal totêmico é o pai, o teor dos principais mandamentos do totemismo – os dois preceitos que constituem seu núcleo: não matar o totem e não ter relações sexuais com uma mulher do totem – coincide com o dos dois crimes de Édipo que matou o pai e tomou a mãe como esposa, e com os dois desejos primordiais da criança, desejos cuja repressão insuficiente ou cujo redespertar forma o núcleo de talvez todas as psiconeuroses. De acordo com Freud, se essa comparação for mais que uma enganadora obra do acaso, ela permitirá lançar alguma luz sobre a gênese do totemismo em tempos imemoriais; em outras palavras, conseguiremos tornar verdadeiro que o sistema totêmico resultou das condições do complexo de Édipo, tal como a zoofobia do pequeno Hans e a perversão do pequeno Arpád.

A psicanálise nos revela que o animal totêmico é um substituto do pai e, com isso, harmoniza-se a contradição de que normalmente é proibido matá-lo, mas seu sacrifício ritual é ocasião de festejo; o animal é morto e, no entanto, lamentado. Já a postura afetiva ambivalente, que ainda hoje caracteriza o complexo paterno nas crianças e, frequentemente, prossegue na vida adulta, se estenderia também ao substituto do pai, o animal totêmico.

Voltando ao aspecto religioso, Freud considera que a religião totêmica desenvolveu-se a partir da consciência de culpa dos filhos, como tentativa de acalmar esse sentimento e de apaziguar o pai ofendido, mediante a obediência a *posteriori*, e que um traço conservado e

que já aparecia no totemismo diz respeito à tensão da ambivalência, considerada grande demais para ser contrabalançada por algum dispositivo, ou as condições psicológicas não são favoráveis à resolução desses opostos afetivos, notando-se assim que a ambivalência intrínseca ao complexo paterno continua também no totemismo e nas religiões em geral. Inicialmente, a horda paterna é substituída pelo clã fraterno, garantido pelo laço de sangue.

Nesse sentido, a sociedade vem a repousar na culpa comum pelo crime cometido, a religião na consciência de culpa e no arrependimento por ele e a moralidade em partes nas exigências dessa sociedade e em parte nas penitências requeridas pela consciência de culpa.

Contrariando as novas concepções do sistema totêmico e apoiando-se nas antigas, a psicanálise leva a defender uma relação e uma origem simultânea para o totemismo e a exogamia.

A influência de fortes motivos corroborou para que Freud não descrevesse a evolução posterior das religiões, desde a origem no totemismo até o estado atual, apenas seguiu duas linhas que viu aflorar na trama: o tema do sacrifício e a relação do filho com o pai. Segundo Freud, a psicanálise mostra que, para cada pessoa, o Deus é modelado no pai, ou seja, a relação pessoal com Deus depende de sua relação com o pai carnal, que oscila e se transforma com ela e que Deus nada mais é que um pai elevado. Como no caso do totemismo, a psicanálise recomenda dar-se crédito aos crentes que chamam Deus de pai, assim como chamavam o totem de ancestral. Se a psicanálise merece alguma atenção, o componente paterno na ideia de Deus deve ser muito importante, sem prejuízo de todas as demais origens e significações de Deus, sobre as quais a psicanálise não pode lançar nenhuma luz e as expressões da ambivalência aparecem como característica da religião.

Para concluir a pesquisa, Freud apresenta como resultado que é no complexo de Édipo que se reúnem os começos da religião, da moralidade, da sociedade e da arte, em plena concordância com a verificação psicanalítica de que esse complexo forma o núcleo de todas as neuroses, até onde estas foram acessíveis e passíveis de entendimento. Freud declara-se surpreso que também esses problemas da vida psíquica dos povos permitam uma solução a partir de um único ponto concreto, que é a relação com o pai e, talvez, um outro problema psicológico esteja ligado a isso. Com frequência, se teve a oportunidade de elucidar que a ambivalência afetiva, no sentido exato, isto é, a coexistência de amor e ódio ao mesmo objeto, está na raiz de importantes instituições culturais. Nada se sabe sobre a origem dessa ambivalência, mas se pode supor que é um fenômeno fundamental de nossa vida afetiva; outra possibilidade relevante para Freud está em que ela originalmente estranha à vida afetiva tenha

sido adquirida pela humanidade no complexo paterno, onde a investigação psicanalítica do sujeito ainda hoje encontra sua mais forte expressão.

Recapitulando os ensaios desta obra temos que Freud colocou, através do mito do assassinato do pai da horda primitiva, a necessidade de restrições à sexualidade e à agressividade como inerentes à cultura. A horda primitiva era formada por um chefe (pai) que tinha acesso a todas as fêmeas e que expulsava do grupo aquele membro que o desafiava, mas certo dia os irmãos (membros do clã) se reuniram e se voltaram contra o pai, o assassinaram e o devoraram. Nesse ato, foi possível expressar o ódio pelas restrições que lhe eram impostas, e também o amor, buscando identificar-se com o poder do pai ao incorporar sua carne. Após o assassinato, o sentimento foi de satisfação e culpa. O sistema totêmico surge como uma alternativa que institui as mesmas proibições da horda primitiva de forma simbólica. O totem estabelece basicamente duas regras: não matar o animal totêmico e não ter relações sexuais com as mulheres do mesmo clã (proibição do incesto), regulando assim a agressividade e a sexualidade. Esse mito simbólico funda a sociedade humana no sentimento de culpa do grupo, ocasionando no que chamamos de mal-estar. Desse modo, coloca-se para qualquer projeto de cultura a delicada tarefa de regular e modelar a satisfação, oferecendo satisfações substitutivas no lugar daquelas a que constitutivamente os homens renunciaram. Satisfações que serão sempre vividas como substitutivas, embora a satisfação direta nunca tenha sido vivida senão pelo pai da horda nessa suposição mítica, expressão que remete o pai da horda primitiva como sendo uma construção dos membros do grupo humano, que têm necessidade de suportar a existência, mesmo que mítica, do gozo pleno.

A partir desta obra de Freud, tomou-se conhecimento de que costumes surgem como resíduos, em diferentes sociedades antigas e modernas. A ciência considera a probabilidade de que a cultura totêmica tenha sido um estágio preliminar dos desenvolvimentos posteriores e uma fase de transição entre o estado do homem primitivo e a era dos deuses e heróis. Para existir cultura é necessário haver lei e no mito freudiano a lei é fruto do parricídio (recalque das pulsões agressivas).

A psicanálise revelou que o animal totêmico é, na realidade, um substituto do pai; os primórdios da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo e isso vai ao encontro das descobertas psicanalíticas de que o mesmo complexo constitui o núcleo das neuroses; parece que os problemas da psicologia social encontraram solução com base em um único ponto concreto: a relação de um homem com seu pai.



## 2.2 O futuro de uma ilusão – Freud (1927)

Em *O futuro de uma ilusão*, Freud visa analisar a origem da necessidade do ser humano de ter uma crença religiosa na sua vida. Apesar de respeitar o fenômeno religioso como manifestação cultural e manifestação de fé singular calcada nos sentidos, ele tenta desmontá-la como forma de conhecimento do mundo por considerá-la a origem da alienação, da superstição, além de um fenômeno da imaginação. É o quarto dos seis ensaios de Freud que abordam temas ligados à constituição da cultura e da sociedade, os outros quatro são: *A moral sexual 'cultural' e o nervosismo moderno* (1908), *Totem e tabu* (1913), *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *O mal-estar na cultura* (1930) e *Moisés e o monoteísmo* (1939).

Freud, ao escrever sobre religião, luta para estabelecer a psicanálise como campo de saber que formula uma concepção de aparelho psíquico e fornece a base de uma nova terapêutica para o sofrimento mental humano, pontuando não ser tal sofrimento produto de forças exteriores, como a religião faz acreditar, nem produto de lesões corporais ou heranças familiares, como a medicina fazia crer até então. É na história singular de cada homem, em conjunção com as forças pulsionais que habitam seu corpo e inscritas na constituição de seu psiquismo, que se encontram as razões para o sofrimento psíquico que se expressa através de seu corpo e de sua alma. Freud ainda acrescenta que a origem do sentimento religioso deve ser vista a partir do funcionamento da vida psíquica do indivíduo. Tal tema aparece inicialmente em *Atos obsessivos e práticas religiosas* de 1907, ensaio no qual Freud faz um paralelo entre os sintomas do quadro clínico da neurose obsessiva e a religião, sendo os sintomas obsessivos a religião particular do neurótico, enquanto a religião seria o sintoma neurótico da humanidade. Porém, a desorientação e o desamparo do gênero humano não podem ser remediados e é aí que os deuses fracassam, surgindo assim a necessidade de tornar suportável o desamparo humano. Sabendo-se que a impressão do desamparo infantil despertou a necessidade de proteção paterna, a percepção da continuidade desse desamparo ao longo de toda a vida foi a causa de o homem se aferrar à existência de um outro pai, mais poderoso. Assim, através da ação bondosa da providência divina, o medo dos perigos da vida é atenuado, a instituição de uma ordem moral universal assegura o cumprimento da exigência de justiça, que com tanta frequência deixou de ser cumprida na cultura humana.

Para Freud, as dificuldades encontradas não estão ligadas à natureza da própria cultura, mas são condicionadas às imperfeições das formas de cultura até agora

desenvolvidas. Os sujeitos apresentam tendências destrutivas, ou seja, antissociais e anticulturais, e, em um grande número de pessoas, elas são fortes o bastante para determinar o seu comportamento na sociedade. Freud traz a questão acerca dos impulsos, ao dizer que estes são associados aos interditos fundamentais da cultura: incesto, parricídio e canibalismo.

Freud pontua que não visa tomar posição quanto ao valor de verdade das doutrinas religiosas, mas que as tenhamos reconhecido em sua natureza psicológica como ilusões, dizendo ser característico da ilusão o fato de esta derivar de desejos humanos. Muitas pessoas encontram consolo nas doutrinas da religião e somente com o auxílio delas, conseguem suportar a vida. Diz ele:

“Estou preparado, porém, para contestar a todas, e defenderei, além disso, a tese de que conservar a atual relação com a religião significa um perigo maior para a cultura do que dar-lhe um fim” (Freud, 1927/2011, p.94).

### **2.3 O mal-estar na cultura – Freud (1930)**

Em *O mal-estar na cultura*, Freud procura elucidar o que engloba a cultura e nossa humanidade, ou seja, seu mal-estar e suas origens mais profundas; na primeira parte deste ensaio, retoma sua análise da religião e localiza a sua origem na sensação de desamparo da criança, pela necessidade de pensar um modelo de passagem de geração para geração de certos elementos que são inconscientes e, na segunda parte, notifica que o ser humano não está planejado para a felicidade.

É neste ensaio também que Freud apresenta os meios que os sujeitos desenvolveram para tentar enfrentar uma vida marcada pelas frustrações, pelo mal-estar e pelo obrigatório sacrifício da libido e da agressão; temos a sublimação no trabalho, como tentativa de adaptação e outros meios que possibilitem compensações e consolo, como as artes; Freud vê na arte um filtro do esquecimento, que ele aproxima a certas drogas, ao amor e à religião. Para ele, a cultura gera o sentimento de culpa, onde o componente erótico direciona a sociedade no sentido de construir uma massa coesa e, quanto mais cultura, mais culpa e mais mal-estar.

Segundo Freud, a vida tal como ela é vem a ser muito árdua, trazendo dores, desilusões e tarefas insolúveis. Para suportá-la, são necessários meios que proporcionem alívio e esses recursos estão relacionados às distrações, satisfações substitutivas e

entorpecentes que amenizem e nos tornem insensíveis a ela. A atividade científica também vem a ser uma distração desse tipo. Satisfações substitutivas, como as oferecidas pela arte, são ilusões se comparadas com a realidade, mas mesmo assim não são menos eficazes psiquicamente e isso devido ao papel que a fantasia conquistou na vida psíquica. Já os entorpecentes influenciam o corpo, ocasionando alterações no organismo. A tarefa de evitar o sofrimento desloca para segundo plano a de obter prazer. Os métodos mais atraentes para evitar o sofrimento são aqueles que influenciam o próprio organismo, uma vez que o sofrimento é apenas sensação, existindo por meio da percepção e em certas disposições do nosso organismo. Assim, o método mais grosseiro, mas também o mais eficaz de se obter tal influência, é o químico, a intoxicação.

O êxito dos tóxicos na luta pela felicidade e no afastamento do mal-estar é tão apreciado como benefício que os indivíduos cederam lugar fixo a eles, em sua economia libidinal, não se deve a eles apenas o ganho imediato de prazer, mas também uma parcela desejada de independência em relação ao mundo externo.

Muitas pessoas buscam garantias de felicidade e proteção contra o sofrimento mediante a transformação da realidade. Nesse sentido, as religiões se caracterizam como delírios coletivos e quem se apossa do delírio não o reconhece como tal.

Ao falar em mal-estar e em sofrimento Freud aponta três fontes de onde eles provém: a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso próprio corpo e a deficiência das disposições que regulam os relacionamentos dos seres humanos na família, no estado e na sociedade.

Como Freud já nos colocou em *Totem e tabu*, torna a enfatizar neste ensaio que a cultura totêmica tem como base as restrições que se precisa impor uns aos outros para a manutenção da civilização. Nessa perspectiva, as prescrições do tabu foram o primeiro “direito”. A convivência dos seres humanos veio a ser motivada através da coação ao trabalho, resultado da necessidade exterior e do poder do amor.

Embora parecesse remontar bem antes do cristianismo, amar o próximo é uma expressão no mínimo paradoxal e estranha em seu próprio conteúdo. Segundo a concepção freudiana sobre a perplexidade do amar o outro, fica evidente que o amor para o sujeito é algo valioso e não deve ser lançado fora sem reflexão. Vejamos:

“Uma das chamadas exigências ideais da sociedade aculturada pode nos indicar a pista, ela diz: “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Freud, 1930/2015, p. 120).

A cultura precisa impor limites aos impulsos agressivos do homem, para deter suas manifestações através de formações psíquicas reativas, mas, de acordo com Freud, apesar dos esforços despendidos para tal, o empenho da cultura não obteve muitos resultados até agora, pois ela espera impedir os excessos mais grosseiros da força bruta ao conferir a si mesma o direito de praticar a violência contra os criminosos, mas a lei não alcança as expressões mais cautelosas e sutis da agressão humana. Se a cultura impõe sacrifícios tão grandes não apenas à sexualidade, mas também à tendência agressiva do homem, entende-se que se torna difícil ser feliz nela. As coisas eram melhores para o homem primitivo, por ele não conhecer as restrições a seus impulsos, mas, em compensação, a segurança de gozar tal felicidade por longo tempo era pequena. O homem aculturado trocou uma parcela de possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança, não se esquecendo que, na família primeva, apenas o chefe gozava dessa liberdade de impulsos, os demais viviam em opressão escrava e o contraste entre uma minoria que gozava das vantagens da cultura e uma maioria despojada dessas vantagens era impellido ao extremo nessa época primeva. Acerca dos primitivos que vivem hoje, sabe-se que não se deve invejar a liberdade de sua vida impulsional, pois esta se encontra submetida a limitações de outro tipo, talvez de um rigor maior do que aquelas impostas à do homem aculturado moderno.

Para Freud, a relação entre o processo cultural da humanidade e o processo de desenvolvimento ou de educação do indivíduo se dá pelo fato de os dois serem de natureza semelhante, onde o processo cultural da espécie humana é caracterizado pela abstração de nível mais elevado que o desenvolvimento do indivíduo e, por isso, mais difícil de aprender concretamente, e a busca por analogias não deve ser exagerada de modo compulsivo. Porém, visto que as metas são idênticas - de um lado a inclusão do indivíduo numa massa humana, de outro, a produção de uma unidade de massa composta de muitos indivíduos -, a semelhança dos meios empregados e dos fenômenos resultantes não surpreendem. E o processo de desenvolvimento do indivíduo tem por meta principal o princípio de prazer, que consiste em obter satisfações que proporcionem felicidade, mas a inclusão ou a adaptação do sujeito na sociedade parece ser uma condição dificilmente evitável a ser preenchida no caminho para a obtenção dessa meta de felicidade, ou seja, o desenvolvimento individual parece ser produto da interferência de duas aspirações: a aspiração por felicidade, que chamamos de egoísta, e a aspiração pela união com os outros na comunidade, que chamamos de altruísta. No desenvolvimento individual, a ênfase recai na aspiração egoísta ou de felicidade, enquanto a cultural se satisfaz com o papel de uma restrição. É diferente no caso do processo cultural, nele a meta da produção de uma unidade composta de indivíduos é, de longe, o principal, a

meta de se tornar feliz ainda existe, mas é empurrada para o segundo plano, e quase se tem a impressão de que a criação de uma grande comunidade humana seria melhor sucedida caso não fosse preciso se preocupar com a felicidade do indivíduo. O processo de desenvolvimento do indivíduo pode apresentar, portanto, traços particulares que não são reencontrados no processo cultural da humanidade; apenas na medida em que o primeiro processo tem como meta a ligação com a comunidade é que ele precisa coincidir com o último.

Os escritos freudianos sobre a cultura ainda são interessantes para pensarmos os contratempos das subjetividades e das formas de sofrimento presentes na época do modernismo, daí o interesse em começar a reflexão, sobre os processos de subjetivação e os atravessamentos da cultura, pelo pai da psicanálise e posteriormente lançar o contraponto com a época pós-moderna, pois há um mal-estar pós-moderno que é melhor compreendido através do mal-estar de que ele nos fala.

Vimos aspectos que contribuíram para a compreensão da constituição de sujeito: a horda primitiva, a tirania do Pai da horda, a revolta dos irmãos, o assassinato do pai, o complexo de ambivalência de satisfação x culpa, o recalque do crime, a divinização do Pai, o estabelecimento dos dois principais tabus morais – parricídio (recalque das pulsões agressivas) e incesto (recalque das pulsões sexuais), o desamparo como tema central nas obras de Freud e a religião que vem a ser desmistificada.

### **3 SUBJETIVIDADE E SUAS NOVAS FORMAS NA ERA PÓS-MODERNA**

Este capítulo traz questões referentes à subjetividade moldada pelas mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais, a partir da metade do século XX. Para tanto utiliza-se de obras de Debord, Lasch e Birman.

#### **3.1 A sociedade do espetáculo – Debord (1967)**

Debord traz a questão das condições modernas na vida das sociedades, condições estas voltadas para a produção de espetáculos, onde se prefere a imagem à coisa, a cópia ao

original, a representação à realidade, a aparência ao ser. O que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação.

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens, aponta Debord, acrescentando ainda ser o espetáculo o resultado e o projeto do modo de produção existente que constitui o modelo presente de produção existente e o modelo presente da vida socialmente dominante.

A realidade surge no espetáculo e o espetáculo real e esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente e, assim, no mundo realmente invertido, o verdadeiro é um momento do falso. O espetáculo é a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Porém, a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-se como a negação visível da vida, uma negação da vida que se tornou visível. O espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si mesmo e vem a ser a principal produção da sociedade atual.

Segundo Debord, o espetáculo submete para si os homens vivos, na medida em que a economia já os submeteu totalmente e, então, pode-se dizer que ele é nada mais do que a economia desenvolvendo-se para si própria, ou seja, é o reflexo fiel da produção das coisas e a objetivação infiel dos produtores. A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social conduziu a uma evidente degradação do ser em ter, já que a fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do ter e do parecer.

O espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa, pois ela já não reenvia para o céu, mas abriga em si a sua recusa absoluta, o seu falacioso paraíso.

Quanto a alienação do espectador, em proveito do objeto contemplado (resultado da própria atividade inconsciente), Debord (1967/2003, p.26) diz que quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo.

O autor cita o anarquismo como a negação ideológica do estado e das classes, isto é, das próprias condições sociais da ideologia separada. É a ideologia da pura liberdade que iguala tudo e que afasta toda a ideia do mal histórico.

Debord apresenta no capítulo IV de seu livro, *A sociedade do espetáculo*, o transcorrer do cenário e expressão da organização da sociedade com base no espetáculo e economia, bem como as ideologias advindas deste.

Pontuando que neste desenvolvimento complexo e terrível, que arrastou a época das lutas de classes para novas condições, o proletariado dos países industrializados perdeu a

afirmação da perspectiva autônoma e também as suas ilusões, mas não o seu ser, e é subjetivamente que este proletariado encontra-se afastado da sua consciência prática de classe, porém ao dar-se conta que a própria força exteriorizada concorre para o reforço permanente da sociedade capitalista; descobre também, pela experiência histórica concreta, que ele é a classe inimiga da exteriorização petrificada e de toda a especialização do poder (Debord, 1967/2003).

Trazendo então a revolução que não pode deixar nada no exterior de si própria (a exigência da dominação permanente do presente sobre o passado) e a crítica total da separação, e é disto que ele deve encontrar a forma adequada da ação.

A organização revolucionária aprende que ela não pode combater a alienação sob formas alienadas e aqui surge a questão de se encontrar meios para se desvencilhar daquilo a que nos alienamos. Debord nos coloca que o próprio desenvolvimento da sociedade de classes até a organização espetacular da não-vida conduz o projeto revolucionário a tornar-se visivelmente o que ele já era essencialmente.

Debord nos diz que a cultura é a esfera geral do conhecimento e das representações da vivência na sociedade histórica dividida em classes, o que significa dizer que ela é o poder de generalização existente à parte, cisão entre o trabalho intelectual e trabalho intelectual dividido, acrescentando ainda que a cultura desligou-se da unidade da sociedade do mito e o progresso dos conhecimentos da sociedade adquire conhecimento expresso pela destruição de Deus.

A ideologia é a base do pensamento de uma sociedade de classes, no curso conflitual da história, e os fatos ideológicos a consciência deformada das realidades, e, enquanto tais, fatores reais exercendo uma real ação deformada, na medida em que a materialização da ideologia na forma do espetáculo, que acarreta o êxito da produção econômica autonomizada, se confunde com a realidade social. O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta a essência de qualquer sistema ideológico: o empobrecimento, a submissão e a negação da vida real; conceituado também como a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem (Debord, 1967/2003, p. 161)

Para Debord, o que a ideologia era, a sociedade veio a ser e eis o que é imposto a cada hora da vida cotidiana submetida ao espetáculo, o qual deve ser compreendido como a organização sistemática do desfalecimento da faculdade de encontro, a qual é substituída por um fato alucinatório social: a falsa consciência do encontro, ou melhor, a ilusão do encontro. O espetáculo é seu sinal do espelho.

Debord conclui que a missão histórica de instaurar a verdade no mundo, nem o indivíduo isolado, nem a multidão atomizada, submetida às manipulações, a pode realizar, mas a classe que é capaz de ser a dissolução de todas as classes. Ao reduzir todo o poder à forma desalienante da democracia realizada, o conselho, ela é a instância onde a teoria prática se controla a si própria e vê sua ação e é lá onde os sujeitos estão diretamente ligados à história universal e onde o diálogo se estabelece para fazer vencer as suas próprias condições.

### **3.2 A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio – Lasch (1979)**

De acordo com Lasch, a indiferença de nossa cultura pelo passado – que encobre hostilidade ativa e rejeição – fornece a prova mais palpável da falência dessa cultura. A atitude predominante, animadora e avançada na superfície, é derivada de um empobrecimento narcisista da psique, assim como de uma incapacidade de basear nossas necessidades na experiência da satisfação e do contentamento. Em vez de recorrermos à nossa própria experiência, permitimos que especialistas definam por nós nossas necessidades e, depois, nos surpreendemos desejando saber por que essas necessidades jamais parecem ser satisfeitas. A desvalorização das experiências passadas tornou-se um dos sintomas mais importantes da crise cultural; uma negação do passado, superficialmente progressista, mostra o desespero de uma sociedade que não consegue enfrentar o futuro.

Lasch coloca também que viver para o momento é o que têm predominado. Uma vez que a sociedade não tem futuro, faz sentido viver-se somente para o momento.

“Perseguido pela ansiedade, pela depressão, por vagos descontentamentos e por uma sensação de vazio interior, o homem psicológico do século XX não busca nem o autodesenvolvimento individual, nem a transcendência espiritual, mas a paz de espírito, sob condições que, cada vez mais, combatem contra ela” (Lasch, 1979/1983, p. 33).

O autor nos diz que os meios de comunicação de massa, com seu culto da celebridade e sua tentativa de cercá-la de encantamento e excitação, produziram uma nação de fãs, de frequentadores de cinema, a mídia dá substância e intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória.



A psicanálise esclarece melhor a conexão entre a sociedade e o sujeito, a cultura e a personalidade. Justamente quando se parte do cuidadoso exame dos indivíduos, ela nos diz mais sobre a sociedade, quando menos determinada a fazê-lo ela está.

Cada época desenvolve suas próprias formas de patologia, que exprimem sua estrutura de caráter subjacente. No tempo de Freud, a histeria e as neuroses obsessivas levavam a extremos os traços de personalidade associados à ordem capitalista em um estágio mais anterior de seu desenvolvimento – ganância, devoção fanática ao trabalho e uma feroz repressão da sexualidade. Em nossos dias, as desordens pré-esquizofrênicas fronteiriças, ou da personalidade, têm atraído a atenção, tanto quanto a própria esquizofrenia, ou seja, a crescente proeminência das “desordens do caráter” parece significar uma mudança subjacente na organização da personalidade, do que tem sido chamado de direcionamento interior para o narcisismo.

Lasch traz o argumento de Whellis e a observação de Hendin acerca das mudanças na estrutura da personalidade. De acordo com esses autores, essas mudanças vêm a ser de neurose sintomática para desordens do caráter, onde atualmente os eventos predominantes em psicanálise conduzem à redescoberta do narcisismo e a nova ênfase sobre a importância psicológica da morte. A tais colocações, Lasch acrescenta o que escreve Beldoch (*apud* Lasch, 1979/1983, p. 67-68):

“A histeria e as neuroses obsessivas foram para Freud, no início do século, o que as desordens narcisistas são para os atuais analistas das últimas décadas. Os pacientes de hoje não sofrem de paralisias histéricas das pernas ou de compulsões de lavar as mãos, mas são seus eus psíquicos que ficaram insensíveis ou que têm de esfregar e reesfregar, em um esforço exaustivo e interminável para limpar; estes pacientes sofrem de sentimentos de vazio e de profundos distúrbios da autoestima”.

Para Lasch, a propaganda da morte e da destruição, decorrente dos meios de comunicação de massa, soma-se à atmosfera predominante de insegurança; o crescimento, o culto do consumismo com suas gratificações imediatas. Sobretudo, o rompimento do sentido de continuidade histórica e a busca do próprio interesse, conduzida pelos ganhos e acumulações de riquezas, tornou-se uma busca do prazer e da sobrevivência psíquica. Cita também as estratégias propagandistas como coerção, ao mesmo tempo em que apelam para as emoções:

“O recente ataque à ilusão teatral, que mina a religião da arte do século vinte tão eficazmente quanto o ataque às ilusões religiosas do século dezenove minou a própria religião, participa do temor da fantasia, associado à resistência ao

“desinvestimento da realidade corrente”. Quando a arte, a religião e, finalmente, até o sexo perdem seu poder de proporcionar um alívio imaginativo da realidade cotidiana, a banalidade da pseudo-autoconscientização torna-se tão esmagadora, que os homens acabam por perder sua capacidade de prever qualquer saída, exceto na anulação e desolação totais” (Lasch, 1979/1983, p. 131).

Lasch acrescenta ainda que, como meio de fuga, surgem também os jogos que visam, satisfazer a necessidade de mascarar a realidade: a mídia dá ênfase aos jogos em busca de audiência e assim os jogos e as competições atléticas proporcionam mais um dramático comentário da realidade do que uma fuga à ela.

Quando os jogos e os esportes vêm a ser valorizados como forma de fuga é que também perdem tal capacidade e a desmistificação do esporte se traduz na assimilação deste pelo mundo dos espetáculos.

À medida que o mundo dos negócios, o trabalho e a política se tornam ameaçadores, a família tenta criar para si um casulo de proteção em meio à desordem que a cerca. Porém, ao utilizar caminhos compensatórios (tendência a compensar a falta de sentimento espontâneo com algo que esteja sendo solicitado materialmente), muitas vezes ela acaba por falhar. Aponta o autor:

“[...] Os curadores da cultura esperam, no fundo, meramente sobreviver a seu colapso. A vontade de construir uma sociedade melhor, contudo, sobrevive, nas tradições locais, no auto auxílio e na ação comunitária, que somente precisam da visão de uma nova sociedade, de uma sociedade decente, para dar-lhes novo vigor. A disciplina moral, antes associada à ética do trabalho, ainda retém um valor independente do papel que já desempenhou anteriormente, em defesa dos direitos de propriedade. Esta disciplina – indispensável à tarefa de construir uma nova ordem – perdura sobretudo naqueles que conheceram a velha ordem somente como uma promessa quebrada, mas que levaram a promessa com mais seriedade do que aqueles que meramente a aceitaram como um fato indiscutível” (Lasch, 1979/1983, p. 282).

O autor apresenta alguns aspectos que contribuíram para a significativa mudança observada no desenvolvimento da subjetividade, entre eles: a propagação da mídia, ilusões, tentativa de fuga, novas formas de constituição familiar, o papel do pai, relações afetivas e revolução sexual, como também as implicações da política, da economia e da educação. Assinalamentos que veremos nas citações a seguir:

“Experiências com autoridade – na escola, no trabalho, no campo político – completam o treinamento do cidadão, em incômoda aquiescência com as formas predominantes de controle” (Lasch, 1979/1983, p. 222).

“A forma mais predominante de fuga à complexidade emocional é a promiscuidade: a tentativa de chegar-se a uma estrita separação entre sexo e sentimento. Aqui, mais uma vez, a fuga mascara-se de liberação e regressão de progresso” (Lasch, 1979/1983, p. 243)

### **3.3 Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação – Birman (1999)**

Birman traz uma reflexão acerca do mal-estar na atualidade tendo como referência a subjetividade, já que o mal-estar se inscreve sempre no campo desta. O tempo se perde e isso se deve à insuficiência de nossos instrumentos interpretativos (por viver-se em um mundo conturbado, tais instrumentos não acompanham a rapidez dos acontecimentos), no que se refere às novas modalidades de inscrição das subjetividades no mundo da atualidade. Para tal reflexão, é importante pensar também nos destinos do desejo na atualidade, já que esses destinos nos permitem acessar o que se passa nas subjetividades e, desta forma, nos aproximar do que há de sofrido nas novas formas de subjetivação da atualidade, circunscrevendo assim o campo do mal-estar atual.

Birman cita a caracterização da modernidade, por Heidegger e Weber, pela figura da morte de Deus e o desencantamento do mundo, que trariam o esvaziamento dos deuses e a racionalização da existência através do discurso da ciência, o que vêm complementar a interpretação de Freud acerca da modernidade.

Nas novas maneiras de construção de subjetividade, o eu se encontra situado em posição privilegiada. A subjetividade construída nos primórdios da modernidade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesmo. Em contrapartida, o que agora está em pauta é uma leitura da subjetividade, em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade.

Nesta perspectiva, as formulações de Lasch e Debord sobre a existência de uma cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo consistem em instrumentos teóricos agudos para que se possa realizar a leitura das novas formas de subjetivação na atualidade. Através dessas categorias, é possível surpreender o que está no fundamento da psicopatologia da atualidade, aponta Birman. Ainda para o autor, a partir dos entendimentos mencionados é possível compreender não apenas a ênfase atual da psiquiatria nas pesquisas sobre as depressões, a síndrome do pânico e as toxicomanias, mas também porque o discurso psicopatológico assume feições decididamente biológica e psicofarmacológica.

Acerca da configuração da psicopatologia na atualidade, o autor destaca o desenvolvimento experimental das neurociências e a engenhosidade pelas quais cultuam-se certas modalidades de construção subjetiva. Pensando em medicalização e psiquiatrização do social, Birman coloca a articulação destes processos como mediada pelas neurociências e pela

psicofarmacologia e a construção empresarial gigantesca do narcotráfico, fundamentos em certos modelos privilegiados de subjetivação investidos pela cultura do narcisismo e pela sociedade do espetáculo, que enfatizam a exterioridade e o autocentramento. E os destinos do desejo? Estes, para Birman, assumem direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas. Sendo assim, esse é o cenário trágico da violência que permeiam a atualidade.

Cada um por si e dane-se o resto vem a ser o lema que define o *ethos* na atualidade, já que não se pode contar mais com a ajuda de Deus em nosso mundo desencantado. O que caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que ela não consegue se descentrar de si mesma. Voltando-se sempre ao próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para usufruir (Birman, 1999, p. 25).

O autor cita três critérios relevantes que circunscrevem a atualidade, são eles: 1 – a psicanálise produziu um vasto contingente de individualidades homogeneizadas, que não se apresentam com marcas singularizantes e estilo próprio de existência; 2 – de ordem clínica, registra-se uma notória diminuição da demanda pela realização de análise e interesse significativo por outras modalidades de psicoterapia e tratamentos biológicos; 3 – procura pelo alívio do mal-estar no campo da religião, além da crença nas promessas amenizadoras proporcionadas pelos psicofármacos e o êxtase das drogas pesadas (Birman, 1999, p.33-34).

De acordo com Birman, estudando a atualidade conclui-se que o autocentramento do sujeito atingiu limiares impressionantes e se apresenta sob a forma da estetização da existência, onde o que importa para a individualidade é a exaltação gloriosa do próprio eu. Esse cuidado excessivo com o próprio eu se transforma assim em objeto permanente para a admiração do sujeito e dos outros, de tal forma que não se mede esforços para alcançar o brilho social. Neste contexto, a mídia se destaca como instrumento fundamental para tecer a exaltação de si mesmo pelo indivíduo e este se esmera para estar presente nos meios de comunicação, em jornais ou televisão; a cultura da imagem é o correlato essencial da estetização do eu.

A psicopatologia da pós-modernidade se caracteriza por algumas modalidades de funcionamento, nas quais se identifica o fracasso do indivíduo em realizar a glorificação do eu e a estetização da existência como queixa predominante. Esta é a principal questão da atualidade. A bibliografia psicopatológica dos últimos 20 anos se concentrou no estudo e nas propostas terapêuticas sobre as depressões, a síndrome do pânico e as toxicomanias. Os

sujeitos recorrem a drogas para ter acesso ao mundo da performance, as ditas drogas pesadas visam a exaltação do eu e as ditas drogas medicinais visam a conter as angústias e o sofrimento para preparar o indivíduo para os males do narcisismo.

Birman acrescenta ainda que, na atualidade, o que orienta o sujeito é a busca desesperada de uma poção mágica que impossibilite o reconhecimento do sofrimento inerente à existência, impedindo então a constatação das decepções que a vida inevitavelmente provoca em qualquer ser humano, de forma que o sujeito possa existir em estado ilimitado:

“É preciso sublinhar que o incremento vertiginoso do consumo de drogas no Ocidente se funda naquilo que o discurso freudiano denominou mal-estar na civilização. Este mal-estar se articula em torno da oposição entre as exigências da força pulsional e suas possibilidades psíquicas de satisfação, estas últimas sendo reguladas pela ordem simbólica. Essa oposição se caracteriza pela assimetria, na medida em que a pulsão é uma força constante inserida na ordem da continuidade, que para se satisfazer precisa inscrever-se na ordem da descontinuidade dos símbolos. Somente assim é possível para o sujeito a invenção de objetos capazes de promover a experiência da satisfação. Essa assimetria é a condição de possibilidade da angústia, já que indica permanentemente ao sujeito a sua condição estrutural de desamparo” (Birman, 1999, p.227).

Segundo Birman, têm ocorrido o retorno à religião como busca de proteção frente ao desamparo e, para tal, novas modalidades de religiosidade surgem. O desamparo se intensificou na era pós-moderna, pois com o fim das utopias alimentadas pela modernidade não há como impedir as dores e desesperanças produzidas na atualidade. Assim, surge a necessidade de sedar a angústia e eliminar as excitações excessivas com ansiolíticos, como também eliminar as paixões depressivas com os antidepressivos. Esta busca de um ideal de estesia psíquica e da normalização dos humores tem sido a finalidade das práticas médica e psiquiátrica. Em contrapartida, também se busca a promoção do gozo promovido pela química mágica das drogas pesadas. Frente a tal colocação temos que:

“Uma psicanálise que procura pensar a atualidade, não apenas no Brasil, mas também no mundo, deve considerar que os sujeitos são agenciados em suas modalidades de satisfação e gozo a partir daquilo que lhes possibilitam as ordens social e política, assim como os mecanismos de distribuição de riqueza. Tudo isso nos conduz muito além da crença de que o psiquismo e o sujeito se fundam apenas na ordem simbólica e no registro da linguagem, pois essa leitura da subjetividade sempre esquece que o psiquismo se inscreve num corpo erótico e pulsional para se constituir enquanto tal, não existindo então qualquer psiquismo desencorpado. Por isso mesmo, classes populares no Brasil, descrentes que estão do reconhecimento que possam receber na sociedade brasileira, de que possam ser instituídas como cidadãs nos dispositivos sociais do poder existentes, vão buscar na religião as formas de seu reconhecimento como sujeitos. A religiosidade que permeia a sociedade brasileira desde sempre assume na atualidade uma dimensão gigantesca nas classes populares, nas quais as formas messiânicas de salvação são buscadas ardentemente pelas massas diante do quadro catastrófico do gozo perverso usufruído

pelas elites à custa dos corpos das classes populares. Portanto, se o estado e a sociedade brasileira não reconhecem os direitos básicos de cidadania das classes populares, estas vão buscar com volúpia nos deuses a possibilidade de serem reconhecidas como sujeitos. Enfim, o encantamento do mundo é a única possibilidade que ainda resta para as classes populares recuperarem a dignidade e serem reconhecidas como sujeitos” (Birman, 1999, p. 286-287).

No capítulo anterior apresentamos a revisão de algumas das obras de Freud acerca da subjetividade e cultura, no entanto é notório que a nossa sociedade pós-industrial e globalizada não é a mesma de Freud, os atravessamentos culturais nos revelam novas formas de subjetivação. Os escritos apresentados neste capítulo mostram que as mudanças ocorridas na sociedade, como: arte, economia, ciência e outras, afetaram e afetam o nosso cotidiano.

A pós-modernidade é compreendida por Debord, Lasch e Birman, como exaltação da individualidade, sendo caracterizada por estes, respectivamente, como sociedade do espetáculo e cultura do narcisismo. Há uma perda dos ideais postos na modernidade, de modo que a ciência, a religião e a psicanálise perdem seus status como capazes de acalantar o ser humano de seu mal-estar, a chamada queda do Nome do Pai. Sem os referenciais que guiavam o sujeito moderno, o homem pós-moderno vê-se imerso em um desamparo de estar e ser só em uma sociedade que não admite a solidão e a admiração de si e como resultado se tem um sujeito cuja essência torna-se a aparência: a performance de si controla todas as outras modalidades de construção de si.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta desta pesquisa bibliográfica foi a de refletir sobre os modos de subjetivação advindos das mudanças ocorridas na organização da cultura. Frente a este assunto, pensa-se as formas de subjetivação e o mal-estar na modernidade e também na pós-modernidade.

O objetivo deste trabalho não foi o de ocasionar uma leitura nostálgica e nem tampouco negativa acerca dos aspectos constitutivos da subjetivação, mas sim o de proporcionar uma leitura reflexiva das mudanças ocorridas no processo da subjetividade, este desencadeado pelos organizadores culturais.

Em *Totem e tabu*, Freud apresenta sua teoria da religião propondo uma interpretação do desenvolvimento das religiões, do animismo até o cristianismo, passando por vários graus intermediários. Para ele, a verdade histórica, mais do que a verdade dos fatos – contida na religião e, ao mesmo tempo, por ela deformada até tornar-se irreconhecível -, é a verdade do crime primordial, cujos traços não podem ser suprimidos: o assassinato do pai primitivo, senhor absoluto da horda, feito por seus filhos, cuja culpa e arrependimento institui as primeiras proibições que fundam a cultura e a possibilidade da vida em sociedade, ou seja, a proibição do assassinato e a instauração do tabu do incesto. Assim, a raiz da ilusão religiosa é a nostalgia do pai, que retorna sob a figura do pai morto, inicialmente como totem, depois como os deuses e finalmente na figura abstrata de Deus; essa tese ganhou importância crescente na obra de Freud, e ele não mais a abandonou como eixo de compreensão da vida psíquica e cultural do homem.

Em *O futuro de uma ilusão*, o argumento psicanalítico central contra a religião é a necessidade, por parte do sentimento religioso, de derivar suas crenças e suas práticas dos sentimentos de desproteção e vulnerabilidade presentes no indivíduo e na maneira de a criança, sempre viva no psiquismo de cada um, criar mecanismos psíquicos para se haver com tais sentimentos. A religião teria sua origem, então, como construção de uma proteção contra o desamparo humano diante de situações que o homem não domina e não controla: a finitude, a fragilidade do corpo e a agressividade na relação com o seu semelhante, e aqui podemos pensar o apego destinado à religião como defesa diante do mal-estar.

Em *O Mal-estar na cultura*, Freud aprofunda a análise crítica da religião. Sua principal crítica é a de a religião ter falhado em conciliar o homem com as renúncias pulsionais impostas pela civilização.

Na cultura do espetáculo, temos uma exigência infinita da performance, marcada pelo narcisismo, e o que importa é que o eu seja glorificado, em extensão e em intenção. Com isso, o eu se transforma numa majestade permanente e vem a ser iluminado no palco da cena social. Em *A sociedade do espetáculo* Debord nos traz o exibicionismo como forma pela qual se concebe a economia da subjetividade do espetáculo, exaltação do eu e estetização da existência.

Em Lasch, percebemos as estratégias da mídia para atingir o poder de coerção, como também aspectos que contribuem para as mudanças subjetivas. O autor utiliza o conceito de narcisismo para a compreensão do impacto psicológico ocasionado pelas mudanças sociais, este vindo a ser defesa contra tensões e ansiedades da vida pós-moderna e sugere a criação de

“comunidades de competência” como alternativa às condições impostas e como forma de evitar a dependência de um discurso ditado pelas sociedades de consumo.

Birman aponta em sua obra que a definição da psicopatologia pós-moderna está no destaque de quadros clínicos fundados no fracasso da participação do sujeito na cultura do narcisismo e a necessidade de glorificar o eu, mesmo que através de bioquímicos e psicofarmacológicos. O que o sujeito perde em interioridade, ganha em exterioridade e se transforma numa máscara para a exibição fascinante e para a captura do outro.

Foi possível constatar que, com a morte de Deus e o contraponto entre religião e ciência, aspectos trabalhados nas obras de Freud, surgiu o sentimento de desamparo do sujeito moderno, uma vez que a religião não dá conta do mal-estar desencadeado, lembrando que até então era por onde a sociedade vinha sendo organizada. Em contrapartida, a sociedade pós-moderna inicia voltando-se para as imagens do gozo apresentadas pela publicidade, na tentativa de tamponar o mal-estar advindo da sensação de vazio. Nessa cultura, surge uma crescente adição a drogas (sejam lícitas ou ilícitas) e a meios evitativos da realidade, essa busca pelo tamponamento do desamparo conduz a subjetivação para a centralidade atribuída ao narcisismo na construção do eu, ou seja, ao mesmo tempo que surge uma tentativa desenfreada de acompanhar padrões pré-estabelecidos, como fuga do próprio mal-estar pós-moderno tem-se a religião, a medicalização e a drogadição como formas de defesa frente aos alienamentos produzidos pela cultura.

A constituição de subjetividade da atualidade apresenta um eu que se encontra em posição privilegiada. A subjetividade construída nos primórdios da modernidade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesma. Porém o que agora está visível é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade.

O que nos parece é que ao sujeito cabe a árdua tarefa de mensurar os organizadores da cultura e, em vez de reproduzir comportamentos esperados, seja pela religião ou seja pela mídia, deveria se apropriar de mecanismos reflexivos e de processos de individuação visando substituir a tentativa do tamponamento de sofrimento pela tentativa de desvencilhar-se dos meios alienantes pré-estabelecidos pela sociedade.

Para encerrar, uma bela citação de Cromberg na abertura da obra de Freud:

“Não há futuro sem ilusão, sendo “ilusão” entendida como zona de constante abertura psíquica para a recriação do mundo por meio do sonho, da arte e da espiritualidade, e para a invenção permanente de si. Que o homem, ao assumir sua destrutividade, possa reinventar novas formas de amor que a contenham. Mas, como disse Freud, quem pode presumir o sucesso e o desfecho dessa luta imortal?” (in *O futuro de uma ilusão*, 1927/2012, p. 32).



## REFERÊNCIAS

- Birman, J. (1999). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* / Joel Birman - Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1999. 304p.
- Debord, G. (1967). *A sociedade do Espetáculo*. Tradução em português: [www.terravista.pt/IlhadoMel/1540](http://www.terravista.pt/IlhadoMel/1540) – Railton Sousa Guedes. Editoração, tradução do prefácio e versão para eBook. Digitalização da edição em pdf originária de [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia). 2003 – Guy Debord. Recuperado de <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>.
- Freud, S. (1913). *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* / Sigmund Freud; tradução de Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 448p.
- \_\_\_\_\_. (1927). *O futuro de uma ilusão* / Sigmund Freud; tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Renata Udler Cromberg; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. 144p.
- \_\_\_\_\_. (1930). *O mal-estar na cultura* / Sigmund Freud; tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Márcio Seligmann - Silva; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa. (2a ed.). Porto Alegre, RS: L&PM, 2015. 192p.
- Lasch, C. (1979). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio* / Christopher Lasch; tradução de Ernani Pavanelli. – Rio de Janeiro: Imago, 1983. Recuperado de [https://issuu.com/andretangram/docs/a\\_cultura\\_do\\_narcisismo\\_-\\_a\\_vida\\_am](https://issuu.com/andretangram/docs/a_cultura_do_narcisismo_-_a_vida_am).